



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

TEMPO DA COLHEITA

Por NEAL C. WILSON

Quinta-feira à tarde, dia 17 de Outubro de 1978, na reunião do Conselho Anual da Conferência Geral, Neal C. Wilson foi escolhido para substituir o Pastor Pierson na presidência da C. Geral após a retirada deste em 3 de Janeiro de 1979. As palavras seguintes são um resumo das afirmações que o Pastor Wilson fez na altura da nomeação.

Se a minha cara está um pouco pálida é porque sinto a responsabilidade do voto que acaba de ser feito. Ouviram o Pastor Sandefur (presidente da comissão de nomeações), descrever a atmosfera que existiu nesta comissão; ouviram-no falar das cinco orações feitas em várias alturas do trabalho da comissão; ouviram-no falar da unidade que ali existiu; eu posso dizer-vos que todos estes acontecimentos nos dão, a minha mulher e a mim, um sentimento de responsabilidade.

Não acontece muitas vezes eu sentir o meu coração palpitar, mas quando eu sinto que a igreja falou do modo como falou, há apenas uma resposta que eu posso dar. Se eu tivesse encontrado uma boa razão para declinar, eu te-lo-ia feito; eu gostaria de ter sido um daqueles que se levantaram e pediram para que os seus nomes fossem tirados do quadro. (Uma referência ao facto de durante o trabalho da comissão muitos responsáveis que se encontravam na idade de reforma se terem levantado e pedido que os seus nomes fossem tirados do quadro). Eu compreendo ao mesmo tempo a razão que Deus permitiu a alguns de nós trabalhar



Depois de ter sido eleito 14.º presidente da Conferência Geral, o Pastor Neal C. Wilson fala à assembleia

com o nosso actual presidente. Deus permitiu que alguns de nós tivéssemos uma experiência grande fora dos campos da América do Norte.

Pessoalmente e porque metade da minha vida foi usada fora do meu país, eu sinto-me em grande medida parte da nossa família mundial. Quando eu era ainda um rapazinho com 4 anos e meio fui com meus pais para a África Central. Ali enterrando meus pés em solo africano e junto com os meus pequenos amigos africanos nas típicas actividades infantis, estabeleci cedo minhas raízes, juntando cultura, linguagem e informação. Dali eu segui para a África do Sul e depois para a Índia, onde tive a oportunidade de adquirir nova cultura e adquirir novos pontos de vista. Muitos dos que estão aqui nesta congregação esta tarde estiveram comigo na Índia, ou como condiscípulos, ou simples amigos de infância ou eram ainda «leaders» no trabalho do Senhor.

Foi nesta altura que pela primeira vez eu encontrei o Pastor Pierson e sua esposa. Eles tinham vindo para o Sudoeste Asiático, onde o meu pai era presidente da Divisão. Eles trouxeram para o trabalho um dinamismo que cativou o meu jovem coração (eu tinha então 17 ou 18 anos). Eu tive o privilégio de estar em sua casa algumas semanas. A partir daí o Pastor Pierson tem sido para mim um amigo e um exemplo, alguém que eu tenho sempre admirado e respeitado. Ultimamente nossas vidas foram mais ligadas pelo nosso trabalho em conjunto, incluindo os últimos 12 anos aqui em Washington. O irmão Pierson e eu temos ajoelhado muitas vezes juntos. Ele

(Continua na pág. 14)

“estai vós apercebidos”

UMA MULHER CORAJOSA

Mary Whitehouse está empenhada numa luta sem limite contra a imoralidade e a pornografia. Quando o director de cinema Jean Thorsen anunciou há dois anos que iria filmar na Inglaterra uma película blasfemando do nome de Jesus, a senhora Whitehouse iniciou uma campanha a fim de o impedir. Apelou à Igreja Anglicana, a Membros do Parlamento e ao primeiro-ministro, e investigou uma lei de 1889, contra as difamações e blasfémias. Exigiu ao Ministério do Interior que proibisse a entrada de Thorsen na Inglaterra e este foi obrigado a regressar à Dinamarca quando chegou ao aeroporto de Heathrow.

Faz já catorze anos que ela iniciou uma luta enérgica contra a indecência, tendo colhido muitos e importantes frutos. Converteu-se no porta-voz de muitos ingleses, e tem o apoio de muitos deputados conservadores e de eclesiásticos. Em 1965 iniciou uma campanha chamada «limpeza TV» e hoje é já uma associação de 30 000 membros.

Esta senhora inteligente e decidida, de 67 anos, dá, com o seu exemplo, uma verdadeira lição a quem não se atreve a mexer nem um dedo contra a chamada «sociedade permissiva». — *El Centinela*

SER DONA DE CASA UMA BÊNÇÃO

As mulheres austríacas são das mais conservadoras do mundo industrializado ocidental. Um inquérito realizado pelo Instituto de Estudos de Mercado da Universidade de Linz, revelou que, para a grande maioria das mulheres, ser dona de casa não constitui um peso mas sim uma bênção.

Desde que, no século passado, os chamados «três K» — que significam «Kinder» (criança), «Küche» (cozinha), «Kirche» (igreja) —, centralizavam as preferências das senhoras austríacas as coisas parecem não ter mudado muito. Mas isto ocorreu não só porque a mulher austríaca está entre as mais conservadoras do mundo, mas também pelos problemas contingentes: as limitadas possibilidades de fazer carreira tanto em profissões liberais como nas mais modestas. Não há mal que não venha por bem, dirão os amantes da estabilidade do lar. — *El Centinela*

AS NOVAS ENFERMIDADES

Num jornal publicado em Madrid, o *ABC*, o Dr. Ramirez Ruiz diz que estamos rodeados por uma série de novas enfermidades que têm a sua origem na ansiedade e nas alterações emocionais e psicossomáticas. Estas enfermidades produzem efeitos tais como: a) estados de ansiedade permanente que se traduzem em desajustes emocionais, pessoais, com irritabilidade nervosa, inquietação e instabilidade motora; b) perda de concentração no estudo e no trabalho, absentismo profissional; c) perda de uma relação interpessoal satisfatória, falta de contacto social, limitação do comportamento responsável de grupo, falta de colaboração popular, comportamentos marginais; d) alteração da comunicação afectiva da família, com deterioração na comunicação amorosa entre o casal e os filhos. Estas enfermidades modernas são, na sua maior parte, produto do desajuste que aflige o homem do séc. XX. O seu remédio não está nos novos descobrimentos médicos, mas no regresso a Deus, fonte de equilíbrio e paz. — *El Centinela*

TELEVISÃO: UM PERIGO PARA A SAÚDE?

Baseado num estudo do Eng.º Giorgio de Luca, da Spezia, província que se liga com o golfo de Génova, um juiz italiano ordenou a recolha dos aparelhos de televisão a cores, a fim de averiguar se efectivamente são perigosos para a saúde. O Eng.º Luca afirma que as radiações ionizantes emitidas pelos aparelhos de televisão a cores são um grave perigo para a saúde.

Por ordem judicial, trezentos receptores serão retirados, para serem efectuadas as análises correspondentes. — *El Centinela*

O TERRAMOTO MAIS MORTÍFERO DO SÉCULO

O terramoto que assolou a China em 1976 foi o que mais vítimas causou neste século: ocasionou 655 237 mortos e 779 mil feridos, de acordo com as informações oficiais. O único desastre natural registado, que mais vítimas causou, foi o terramoto de 1556, ocorrido na província de Chensi, China, no qual morreram mais de 800 mil pessoas. — *El Centinela*

SUMÁRIO

Tempo da Colheita
«Estais Vós Apercebidos»
Nas Vésperas de Acção 79
Para a Salvação os Adventistas Confiem em Cristo, não na Lei
Paulo — Apóstolo do Amor
O Espírito
<i>Página da Família</i>
Ajudem a Proteger a Nova Espécie em Vias de Extinção
<i>A Mensagem Adventista no Mundo</i>
<i>História do Mês</i>
Bons Vizinhos
Notícias do Campo
Caixa de Perguntas
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ORGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

FEVEREIRO 1979

ANO XL

N.º 389

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
2680 SACAVÉM CODEX

Composto e Impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 80\$00
Número avulso 8\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

NAS VÉSPERAS DE ACÇÃO 79

No próximo dia 11 de Março iniciar-se-á em toda a Associação Portuguesa mais um esforço de evangelização — desta vez conhecido por ACÇÃO 79.

Este programa pode constituir um autêntico êxito; pode também reduzir-se a um insignificante simulacro de campanha.

Não será por acaso que ACÇÃO 79 venha a constituir um êxito.

De acordo com o grande evangelista Leonard Lehnhoff, o sucesso de uma campanha de evangelização depende dos seguintes factores e nas seguintes proporções: 40% da preparação, 20% da série de reuniões públicas, e 40% do trabalho de continuidade junto das pessoas que assistiram à série de reuniões.

Se assim é, como aliás o prova a experiência, vemos a importância que desempenha a preparação no êxito da campanha.

Ao falar-se de preparação, logo surgem ao nosso espírito as seguintes actividades: 1) A demarcação do território atribuído a cada igreja e a divisão desse território por grupos responsáveis; 2) O trabalho pessoal dos componentes dos grupos junto de cada lar atribuído à sua responsabilidade; 3) A canalização para as reuniões públicas das pessoas contactadas que manifestaram algum interesse pela Mensagem; 4) A afixação de cartazes e a distribuição de impressos com o anúncio das reuniões; 5) A utilização dos meios de comunicação social convidando o público a assistir à campanha.

Todas estas actividades são importantes, e de maneira nenhuma devem ser menosprezadas. Mas há ainda outros aspectos sem os quais a campanha constituiria um fracasso.

Mencionemos, em primeiro lugar, a situação espiritual da igreja. Que desperdício de esforços não seria o tentar atrair estranhos para se unirem a uma igreja dividida, com os membros degladiando-se mutuamente! Teria

sido possível a experiência do Pentecostes, com três mil almas baptizadas num só dia, sem que os apóstolos, antes desavindos, tivessem perseverado «unicamente em oração e súplicas»? (Actos 1:14). Com razão escreveu a serva do Senhor: «Não é a oposição do mundo que temos de temer, mas os elementos que operam entre nós é que têm impedido a mensagem. A eficiência dos movimentos para expandir a verdade depende da acção harmoniosa dos que professam crer nela. Amor e confiança constituem uma força moral que deiva ter unido as nossas igrejas e assegurado harmonia de acção; mas a frieza e desconfiança têm trazido desunião que nos têm privado da nossa força». — E. G. White, *General Conference Bulletin*, 28 Fev. 1893, pág. 1.

Um segundo aspecto, que não deve ser esquecido, é o entusiasmo por parte dos que estão planeando a campanha. «Alguns dos que se entregam ao serviço missionário são fracos, sem energia, sem entusiasmo e facilmente desanimáveis. Falta-lhes a iniciativa. Não têm aqueles positivos traços de carácter que dão a força para fazer alguma coisa, — o espírito e a energia que iluminam o entusiasmo. Aqueles que desejam o sucesso devem ser corajosos e optimistas. Devem cultivar não só as virtudes passivas mas as activas». — *Evangelismo*, página 479.

De qualquer maneira, jamais cedamos ao desânimo. Lembremo-nos, de que «o desânimo no serviço de Deus é pecaminoso e irrazoável». — *Testimonies for the Church*, vol. 8, pág. 38.

Ao enfrentarmos ACÇÃO 79, que nos encham de coragem as seguintes animosas palavras: «Se nos entregarmos completamente a Deus e seguirmos Sua direcção em nosso trabalho, Ele mesmo Se responsabilizará pelo seu cumprimento», ou seja, pelo seu êxito. — *Parábolas de Jesus*, pág. 363.

E. FERREIRA

PARA A SALVAÇÃO OS ADVENTISTAS CONFIAM EM CRISTO, NÃO NA LEI

ELLEN G. WHITE

Numa viagem de barco de S. Francisco para Portland, há cem anos, a Sr.^a Ellen White defendeu-se energeticamente contra as falsas acusações que lhe eram dirigidas por um dos pastores que iam a bordo.

Deixámos S. Francisco no dia 10 de Junho, no barco a vapor «Oregon», com destino a Portland. Tinha trabalhado em excesso e sentia-me exausta, tendo portanto feito planos no sentido de descansar a bordo. Mas o vento soprava fortemente no sentido oposto ao do navio. Continuei, apesar de tudo, no convés, embora quase todos o tivessem abandonado devido ao enjoo. Maravilhei-me com as vagas alterosas, azuis e verdes e com as cores do arco-íris reflectidas no chuveiro por elas produzido. Não podia ficar simplesmente contemplando esta magnífica cena; e, portanto, reflecti na facilidade com que as tumultuosas águas poderiam tudo engolir.

A medida que olhava para as vagas de alva crista e cujo som lembrava o ribombar do trovão, recordei-me daquela cena da vida de Cristo, na qual os discípulos, obedecendo ao seu Mestre, embarcaram para atravessarem o mar. Estalou, então, uma terrível tempestade e os seus frágeis barcos não obedeceram ao comando. Eles foram sacudidos de um lado para o outro, até que abandonaram em desespero os remos. Com aflicção, pensavam já que ali pereceriam; mas, enquanto a tempestade e as vagas alterosas lhes lembravam a morte, Cristo apareceu-lhes, caminhando calmamente sobre as turbulentas ondas. Estavam desanimados com a inutilidade dos seus esforços e com a desventura da sua situação, considerando-se irremediavelmente perdidos. Quando lhes surgiu Cristo caminhando sobre as águas, aumentou o terror, já que interpretaram esta aparição como uma evidência da aproximação da morte. Gritaram em pânico. Mas apesar da Sua aparição anunciar a presença da morte, Ele veio como mensageiro da vida. A Sua voz soou por cima do fragor dos elementos: «Sou Eu; não temais». Quão rapidamente se mudou o horror do desespero na alegria da fé e na esperança da presença do Mestre bem-amado!

Os discípulos não sentiram mais ansiedade ou medo da morte, porque Cristo estava com eles.

Permaneci no convés até escurecer e só depois voltei para o camarote, mas o balouçar do barco fez-me enjoar bastante.

Fiquei assim sem me poder levantar desde segunda até quinta-feira de manhã, comendo apenas um pequeno bife, chá e bolachas durante todo este período. Enquanto a viagem durou tivemos vento de proa e por isso todos nos regozijámos quando, na quinta de manhã, passámos a barra e entrámos no rio, deixando a forte ondulação para trás. Só havia dois ou três passageiros a bordo que não tinham enjoado.

O comandante Connor, do «Oregon», foi extremamente cortês e atencioso, fazendo todos os possíveis para nos tornar a viagem agradável. A camaroteira tinha que andar sempre de um camarote para o outro a fornecer comida, pois a maior parte dos passageiros não podia sequer ir à sala de jantar. Sentimo-nos agradecidos pela atenção dedicada por parte do pessoal do barco aos que sofriam de enjoo.

Todos a bordo recuperaram neste último dia de viagem. A saúde e o apetite voltaram e os efeitos do enjoo desapareceram.

A bordo havia vários pastores que, tal como nós, iam para Oregon instados a pregar. Entre eles ia o Pr. Brown e família, que tinha falado em S. Francisco e Santa Rosa. Distribuí entre os passageiros algumas das nossas publicações. À tarde estava a descansar no meu camarote com a porta aberta para o convés. Ouvi então o Pr. Brown fazendo declarações a um grupo de pessoas, sobre a impossibilidade de se guardar a lei de Deus; dizendo que nenhum homem a guardou nem poderia guardá-la. Ele disse: «Nenhum homem alcançará o céu guardando a lei. A Sr.^a White só prega a lei: ela acredita que nós somos salvos pela lei e que ninguém se poderá salvar a não ser guardando-a. Agora eu acredito em Cristo. É o meu Salvador, só Cristo nos pode salvar e sem Ele não há salvação».

Uma acusação injusta

Senti a injustiça desta acusação que me era dirigida e não podia permitir tais afirmações feitas perante tanta gente, sem serem corrigidas.

Consequentemente repliquei:

«Essa afirmação é falsa. A Sr.^a White nunca defendeu essa posição. Falarei por mim e pelo nosso povo. Sempre temos defendido que não há poder na lei para salvar um único dos seus transgressores. A lei julga e condena o pecador mas não é da sua competência perdoar qualquer pecado. Se pecamos temos um Advogado junto do Pai, Jesus Cristo, o Justo. O pecador torna-se culpado perante o Pai pela transgressão da Sua lei. Cristo o nosso Advogado intercede em favor do pecador. A lei não pode absolver o pecador da consequência da sua transgressão, mas somente Cristo paga a culpa em que incorreu o pecador devido à sua desobediência.

«Pergunta o Apóstolo Paulo: 'Vamos continuar a viver no pecado para mais se manifestar a graça de Deus? De modo nenhum'. Devemos abusar da graça de Cristo vivendo em transgressão da lei de Deus? Paulo declara: 'Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar ensinando publicamente e pelas casas, testificando, tanto aos Judeus como aos Gregos a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Arrependimento para com Deus devido à transgressão da Sua lei e fé em Jesus Cristo por ser o nosso Advogado'. Diz Paulo: 'Mas que diremos então? Porventura a lei é pecado? De modo nenhum, mas a verdade é que eu não conhecia o pecado se não fosse pela lei. De facto eu não sabia o que é a cobiça se a lei não dissesse: «Não cobiçarás». Resumindo, Paulo diz: 'De facto a lei é santa e o mandamento é igualmente santo, justo e bom'.

«Cristo não veio à terra para desculpar o pecado, nem tão pouco para justificar o pecador enquanto este prosseguir na transgressão da lei pela qual o Filho de Deus teve que dar a vida como justificação e celebração. Se tivesse sido possível revogar a lei, não teria sido necessário Cristo vir à terra, morrendo o justo pelo injusto. Deus poderia ter anulado o pecado anulando a lei. Mas tal não poderia acontecer. A lei escraviza o transgressor, mas o que lhe obedece é livre. A lei não pode purificar o pecado, mas condena o pecador. A justificação do pecador perante Deus só será obtida pelo arrependimento para com Ele e pela fé nos méritos de Jesus Cristo. A lei é como um imenso espelho no qual o pecador pode claramente ver os defeitos morais do seu carácter. No entanto o espelho não pode remover os defeitos. O Evangelho aponta Cristo como sendo o único capaz de remover as manchas do pecado por intermédio do Seu sangue. Portanto, a lei não pode perdoar, mas é o único meio pelo qual se pode explicar ao pecador aquilo que o pecado realmente é. Pela lei vem o conhecimento do pecado. Sem a lei o pecado está morto, tal como nos é dito por Paulo.

«Seria insensato convidar o pecador a ir a Cristo antes de estar convencido do seu pecado, antes do espelho da lei de Deus lho ter mostrado.

«De que precisa ser convertido o pecador? O pecador precisa ser convertido da transgressão da lei de Deus à obediência da lei. Mas se se diz que o pecador não pode guardar a lei de Deus e se se esforçar nesse sentido cairá em escravidão, então de que é convertido o pecador: da transgressão da lei à continuação na transgressão? Claro que isto é absurdo. Os professos ministros de Cristo que ensinam que o pecador é inocente mesmo que continue infiel à lei de Deus, não podem ver ratificadas no céu as suas conversões.

«Cristo tanto é o Salvador dos antigos como é o nosso Salvador. Eles olhavam com fé para um Salvador por vir. Adão foi salvo pelo Evangelho tal como nós hoje em dia o poderemos ser. Abraão foi salvo pela fé em Cristo como o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Moisés foi salvo pelos méritos de Cristo, que era o Anjo que conduzia os exércitos de Israel através do deserto. Deus ordenava, 'Não o provoquem, porque não perdoará as vossas transgressões, porque o seu nome está nele'. Todos os que morreram em fé desde Abel até aos nossos dias são salvos pelos méritos de Jesus Cristo.

«Disse Jesus: 'Nem todos aqueles que me dizem «Senhor, Senhor!», entrarão no Reino dos céus, mas apenas os que fazem a vontade de meu Pai que está nos Céus. Quando aquele dia chegar, haverá muitos que me hão-de dizer: «Senhor, Senhor, não pregámos nós em teu nome? Não fizemos numerosos milagres em teu nome?» Eu então hei-de responder-lhes: «Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que praticam o mal!»'. Quantos que gritam, Cristo, Cristo, só acreditam n'Ele mas não fazem o Seu trabalho. Esses são representados pela classe mencionada pelo nosso Salvador como sendo os que praticam o mal. Eles transgridem a lei de Deus e por perfeitamente e exemplo ensinam outros a fazer o mesmo. A mera profissão verbal de fé em Cristo não salvará uma única alma; nem tão-pouco a observância formal da lei. A lei de Deus deve ser obedecida do coração; os seus princípios devem ser cumpridos na vida quotidiana; e a fé em Cristo Jesus como Redentor deve ser manifestada na vida e carácter de cada um, senão não há verdadeira conversão.

«Tal como o trono eterno a lei de Deus é imutável em seu carácter. Os modelos e sombras apontam para o protótipo e substância, Jesus Cristo. Com a morte de Cristo estes modelos deixam de ter qualquer força ou significado. Mas a lei dos dez mandamentos, instituída no Éden, aquando da fundação do mundo, quando as estrelas da manhã juntamente rejubilavam e os filhos de Deus se ale-

gravam, deveria durar tanto quanto os céus e a terra. Cristo lançou a Sua bênção sobre todos os que atentam na santidade da lei de Deus: 'Bem-aventurados os que guardam os mandamentos, porque terão direito à árvore da vida e entrarão na Cidade pelas portas'.

«Por favor, Irmão Brown, nunca mais faça afirmações erradas. Não diga que nós não confiamos em Jesus Cristo para a salvação e acreditamos na lei para sermos salvos. Nunca escrevemos uma única palavra nesse sentido, nem de modo nenhum ensinamos tal teoria. Acreditamos que nenhum pecador pode ser salvo nos seus pecados (e o pecado é a transgressão da lei) enquanto o Irmão ensina que o pecador deve ser salvo apesar de saber-se transgressor da lei de Deus».

«Bem», disse o Sr. Brown, em voz baixa, «Sei isso tudo.»

Senti-me impelida a replicar-lhe e disse: «Se sabe tudo acerca da posição que assumimos como povo, então o Irmão também deve reconhecer que nos tem representado deturpadamente. Nunca demos a entender, quer nos sermões pregados pelos nossos pastores quer nas milhares de páginas da nossa imprensa em todo o mundo, que há na lei algum poder para salvar o pecador. Pelo contrário, múltiplas vezes tem sido repetido pelos nossos oradores e escritores que a lei não pode redimir o transgressor das consequências do seu pecado. Falaremos na próxima assembleia em Salem. Venha, por favor, aprender aquilo em que realmente nós acreditamos, porque é evidente que não está familiarizado conosco ou com a nossa fé.»

Impressão desfavorável

Devo acrescentar que o Irmão Brown, enquanto estive em S. Francisco, dizia que tinha conhecido a Sr.^a White no Oriente (dos E. U. A.) — e conhecia-a muito bem, deixando na mente das pessoas a quem se dirigia uma impressão desfavorável acerca de mim e do meu trabalho. Antes desta viagem no navio «Oregon» não tenho ideia de alguma vez ter falado ou sequer visto este senhor. Não tenho nenhuma indicação evidente de que ele alguma vez me tenha ouvido falar, ou que tenha lido algum dos meus escritos, ou que pessoalmente se tenha familiarizado com a minha missão. Indubitavelmente a verdade é que ele é absolutamente desconhecedor de tudo quanto diz respeito à Sr.^a White e ao seu trabalho. Muitas pessoas têm professado conhecer-me muito bem, apesar de eu nunca lhes ter falado nem as ter visto. Estas pessoas têm acumulado boatos e informações maliciosas proferidas por línguas falsas e difamatórias, espalhando-as como factos verdadeiros.

Fiquei espantada com a posição tomada pelo Sr. Brown acerca da lei. Parece inacreditável que uma pessoa que se diz estudante de Bíblia, afirme que nenhum homem guardou ou poderá guardar a lei. Esta é a tímida posição tomada por muitos pastores com vista a desembaraçarem-se do Sábado, o quarto mandamento. Estes pregadores derramam uma luz pouco favorável sobre o carácter do nosso Pai celestial, quando o representam como dando ao homem um código de leis (que é o fundamento de qualquer governo civilizado) que nunca foi nem poderá ser obedecido. Tais sentimentos expressos por dirigentes religiosos levam o homem, não só à desobediência da lei divina, como também ao seu calcamento, pois, segundo esta óptica, justifica a rebelião do homem contra ela.

Os mestres de tais doutrinas, manifestamente perniciosas, não estarão em posição invejável quando se encontrarem perante o grande Legislador. Em particular poderá o a lei constitui um requisito arbitrário que ser o homem mais feliz mesmo nesta vida se tiver completa liberdade de transgredir os dez preceitos da lei divina? Deus, no Seu grande amor deu ao homem esta lei como norma de conduta, para que o homem soubesse quais as coisas que poderia fazer no sentido de aumentar a sua felicidade e a dos seus entes queridos. Os princípios expressos nos mandamentos, desde que acatados na vida quotidiana, enobrecem e santificam o coração e a mente de quem os pratica, dando a compleição moral necessária à justa inserção na sociedade dos santos anjos. O nosso Omnisciente Pai celestial sabe quais são as regras que protegem o homem do pecado e que regem a vida, levando-o a praticar as virtudes necessárias a torná-lo súbdito do Reino.

Disse Cristo: «Se guardardes os meus mandamentos permaneceréis no meu amor, tal como Eu guardo os mandamentos de meu Pai e permaneço no Seu amor.» Cristo deve ser o nosso exemplo em tudo. Cristo deixou o seu Reino de glória, não para mostrar ao homem uma maneira pela qual ele se poderia salvar em transgressão da lei, mas Ele próprio tomou a natureza humana passando pelas provas em que Adão sucumbiu e redimiu essa falta pela Sua própria e perfeita obediência da lei e resistência às tentações de Satanás — planeador da queda de Adão. Cristo através do exemplo da Sua própria vida deu-nos a prova de que o homem pode guardar a lei de Deus e pelos méritos de Cristo tornar-se vencedor.

No sermão do Monte, Cristo disse: «Não pensem que vim destruir a lei ou os profetas: não vim destruir mas cumprir. Na verdade vos digo, até que o céu e a terra passem nem

(Continua na pág. 8)

PAULO — APÓSTOLO DO AMOR

RUBY RATZLAFF

Quando o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos de Corinto que «a maior destas é o amor», exprimiui mais do que um belo conceito, exprimiui mais do que um pensamento poético. Expressou em palavras o princípio orientador da sua própria vida.

A luz que iluminou a alma do Paulo no caminho de Damasco, despiu-o da presunção de que a liderança assentava na força. Desde o dia em que na Arábia comungou a sós com Deus até ao dia em que a espada do carrasco pôs fim ao seu ministério (mas não à sua influência), a vida de S. Paulo «inspirou-se no único princípio de sacrifício próprio: o ministério do amor».

Na sua carta aos corintíios, S. Paulo escreveu que o amor «não é egoísta». Ele viu em acção essa espécie de amor na vida de Estêvão (ou melhor, na sua morte). Paulo viu Estêvão ajoelhado e enquanto as pedras o atingiam, ouviu-o orar: «Pai, não lhes imputes este pecado!».

Talvez pela primeira vez na vida o apóstolo compreendeu o que significa não ter em conta os seus interesses. Tentou esquecer-se — esquecer a luz do Céu estampada na cara de Estêvão, a sabedoria das palavras da sua defesa e a última oração pelos seus algozes — mas Paulo não esqueceu. Mais tarde este amor que «não é egoísta» tornou-se a sua norma de vida.

Anos depois, em Filipo, quando ele e Silas jaziam sobre as ensanguentadas costas no chão frio da cadeia, cantaram durante a noite escura, em vez de proferirem imprecações aos que os tinham tratado tão cruel e injustamente.

Quando de noite o terramoto lhes abriu as portas da prisão, Paulo teve que tomar uma decisão imediata. O carcereiro, certo de que os prisioneiros se tinham escapado e que teria de prestar contas, tentava pôr termo à sua vida, pensando que o suicídio seria melhor do que a execução. O amor era de tal maneira a regra de vida de Paulo, que no momento em que não havia tempo para um cuidadoso exame de alternativas, a sua escolha foi imediata e gritou: «Não te faças nenhum mal, que todos estamos aqui!» Ele não teve em conta o grande mal que tinha sofrido às mãos do carcereiro. «A severidade com que o carcereiro tratou os apóstolos não lhes trouxe ressentimento nem fez com que eles lhe permitissem o suicídio. Mas os seus corações estavam cheios do amor de Cristo, e não nutriam maldade para com os seus perseguidores». Assim é o amor.

O carcereiro, que do desespero do suicídio passa à compreensão de que aqueles homens a quem tinha maltratado, cuidavam dele, só pôde pedir-lhes perdão e perguntar «Senhores, o que devo fazer para ser salvo?» O contexto deixa entrever que o carcereiro nunca tinha tido contacto com o evangelho, nunca tinha recebido um estudo bíblico. A sua conversão foi somente uma resposta ao poder do amor.

De manhã, as autoridades da cidade sugeriram que Paulo e Silas saíssem silenciosamente da cidade, pois segundo aqueles a prisão dos apóstolos era justificada. Paulo, no entanto, recusou. Mas mal as autoridades admitiram publicamente a injustiça da detenção e a honra do apóstolo, foi restabelecida, então Paulo deu-se por satisfeito.

O impacto do poder do amor

Os espancamentos sofridos por Paulo e Silas, a sua detenção, os pés amarrados, tudo o que tinham sofrido era um tratamento ilegal para com cidadãos romanos. Bastava a Paulo e Silas notificar Roma sobre o assunto, para as autoridades perderem o seu posto. Todos conheciam a lei acerca deste assunto.

Durante muito tempo os habitantes da zona falaram dos homens que desprezaram a possibilidade de prejudicar aqueles que os tinham feito sofrer. Como resultado do impacto produzido pelo poder do amor «muitos foram tocados pelo ministério e mensagem dos apóstolos, o que não teria sido possível se o seu procedimento tivesse sido outro». Foi aos cristãos de Corinto que Paulo escreveu sobre o poder do amor. E é nas suas recomendações a estes cristãos que podemos ver ilustrada outra das características de amor.

Paulo escreveu que «o amor não é invejoso nem se ensoberbece». Muitas pessoas te-lo-iam considerado justificado pela sua soberba e arrogância em muitas coisas — por exemplo, suas qualificações académicas. De facto Paulo recebeu a melhor educação que a nação lhe podia dar. O seu poder mental e capacidade intelectual eram tais que ele podia enfrentar o conselho do Areópago em Atenas, comparando «ciência com ciência, lógica com lógica e filosofia com filosofia». Paulo era tão brilhante que os «Estóicos, Epicuristas e todos os que com ele entravam em contacto depressa se apercebiam que ele tinha uma capacidade intelectual superior à deles próprios. A sua inteligência prendia a

atenção e respeito dos mais instruídos, enquanto a sua simplicidade, raciocínio lógico e oratória prendiam os auditórios menos cultos.

Tivesse Paulo sido invejoso e arrogante, a sua educação e brilhantismo pareceriam ser motivo propositado para exibição e orgulho pessoal. Mas ele firmemente acreditava na verdade que tinha escrito aos Coríntios: «Se eu... compreendesse todos os mistérios e tivesse todo o conhecimento... mas não tivesse amor, nada seria».

E quando o apóstolo chegou a Corinto levava a firme determinação que as suas actividades evangélicas naquela cidade seriam baseadas no poder que vem do Céu em vez de serem baseadas na instrução, lógica ou eloquência. Na medida em que «pregava a cruz de Cristo sem uma oratória elaborada mas na graça e poder de Deus... as suas palavras comoviam as multidões». Como resultado da sua pregação Cristocêntrica constituiu-se uma grande igreja nesta cidade mundana.

Uma carta de amor

Três anos depois, ao tomar conhecimento de que muitos dos seus queridos convertidos de Corinto, tinham, na sua ausência, caído em graves pecados e como resultado revoltado-se contra ele, Paulo teve que ditar uma das mais difíceis cartas que jamais um dirigente cristão foi chamado a escrever. Ellen White diz-nos que «sufocando todo o sentimento de indignação pela maneira ingrata como estava a ser tratado e entregando toda a sua alma ao trabalho ele ditou... uma das mais ricas, instrutivas e poderosas das suas epístolas — a primeira dirigida aos Coríntios.»

Aparentemente até o apóstolo Paulo se sentia indignado quando era alvo de ingratidão. Mas o eterno bem-estar daqueles que tinham convertido em Corinto era para ele da maior importância do que os seus próprios sentimentos naturais. E porque «o amor é paciente, e prestável. Não é invejoso» e porque «tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» e porque «o amor nunca falha» Paulo estava apto a escrever, sob a influência do Espírito Santo, aquilo que era mais adequado aos Coríntios no sentido de os convencer na esperança do perdão e da vitória em Cristo.

Por isso S. Paulo prosseguiu apesar de doenças, naufrágios e sofrimentos, levado de reis a artífices, e viajado como servo da mensagem do amor de Deus. Foi perseguido por inimigos e pela incompreensão de amigos, recebendo do Deus de amor, o poder para ser paciente e bondoso. O amor ajudou-o a tudo sofrer, tudo crer, tudo esperar, tudo suportar.

Para a salvação os adventistas confiam em Cristo

(Continuação da pág. 4)

um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. No entanto, todo o que quebrar um destes mais pequenos mandamentos e assim o ensinar aos homens, será chamado o menor no Reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no Reino dos céus.» Aqui Cristo expõe o objectivo da sua missão: mostrar ao homem através do Seu exemplo que pode inteiramente obedecer à lei moral e regular a vida pelos seus preceitos.

Deus especificou a Sua vontade

Mesmo que o Papa de Roma e todos os habitantes da Terra unam os seus intellectos no propósito de abolir a lei, não conseguirão abolir a mais pequena parcela da lei dada no Sinai. Deus especificou a Sua vontade para com o homem nos Seus dez preceitos. E estes são tão perpétuos e imutáveis quanto o carácter divino. A lei diz a cada transgressor: certamente morrerás. Mas Cristo diz a cada alma arrependida pela transgressão da lei e entregue em penitência ao seu Salvador: certamente serás salvo tal como Cristo morreu para a salvação do homem.

Quão solenes são as palavras proferidas pelos lábios do divino Mestre, que veio para honrar a lei do Seu Pai: «Todo o que quebrar um destes mais pequenos mandamentos e assim o ensinar aos homens, será chamado o menor no Reino dos céus.» Os nossos pastores e o nosso povo devem compreender o pleno significado destas palavras. Todos os que por palavras ou acções, ou por interpretação das Escrituras, desprezam ou desvirtuam os sagrados princípios e dignidade da santa lei de Deus não terão lugar no Reino dos céus. Cristo queria que compreendéssemos que a nossa rectidão devia incluir não só a observância da letra da lei como também o espírito e princípio da mesma. A letra da lei especifica o modo como nos devemos comportar para agradar a Deus; o espírito da lei aponta para o sacrifício expiatório de Jesus Cristo, que permite ao pecador preencher os requisitos da lei. Cristo disse: «Eu e o Pai somos um.» Há portanto perfeita harmonia entre a lei e o Evangelho.

O ESPÍRITO

JOSÉ C. BESSA

Associação:
Ministerial da Divisão Sul Americana

«Embaraçado com a humanidade, Cristo não poderia estar em toda a parte em pessoa». Era do interesse dos discípulos e da Igreja «que Ele fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como Seu sucessor na Terra». A partir daí nenhum ser humano contaria como «vantagem o ter tido contacto pessoal com Cristo». Pelo Espírito, Cristo «seria acessível a todos» em todos os lugares. Estaria assim «mais perto deles do que se não subisse ao alto». «Despojado da personalidade humana, e dela independente», o Espírito Santo seria o representante de Cristo.¹

Para o estudioso menos atento pode ficar a ideia de que o Espírito Santo teve antes do Pentecostes uma actividade muito passiva. Engano! Desde os séculos da eternidade o Espírito esteve em acção. Ele é igual a Deus. São-Lhe atribuídos os predicados de Deus, tais como: *Santidade, Verdade e Vida*, como também a omnipresença, e este facto é atestado por David ao dizer: «Para onde me ausentarei do Teu Espírito?» Ele é membro da Divindade, é um com Deus, e Deus também.

Em 1899, falando perante alunos em Avondale, lembrou-lhes Ellen G. White o seguinte: «Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos».²

Partindo da premissa de que Ele é Deus, devemos ter em mente que «a natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lho revelou. ... Com relação a tais mistérios — demasiado profundos para o entendimento humano — o silêncio é ouro».³ «Não é essencial que sejamos capazes de definir exactamente o que seja o Espírito Santo».⁴ O importante é compreender a obra do Espírito Santo em nosso favor, e a absoluta necessidade de consentirmos que Ele trabalhe para nós e por nós. Sempre esteve em acção na criação; acompanhou Noé em sua pregação. Foi o Espírito que susteve os patriarcas. Setenta homens receberam do Espírito que estava em Moisés. De Josué é dito ser «homem em quem há o Espírito». David orou para que o Espírito não lhe fosse tirado. «Tirarei o coração de pedra e porei dentro de vós um Espírito novo», foi a alentadora promessa dada a Israel.

«Dá-me porção dobrada do Espírito», supplicava Eliseu. Foi por meio do Espírito Santo que os valdenses prepararam o caminho da Reforma.⁵ O mesmo Espírito orientou o esta-

blecimento das missões modernas, bem como a tradução da Bíblia para línguas e dialectos.⁶ Do Génesis ao Apocalipse é vista a actuação poderosa do Espírito de Deus.

As Bênçãos do Espírito

O Espírito é-nos dado como agente de regeneração, «sem o qual o sacrifício de Cristo de nenhum proveito teria sido».⁷ Ele atrai «a atenção dos homens para a grande oferta do Calvário».⁸ «É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo».⁹ Opera «a convicção do pecado», apresentando em seguida «a norma de justiça».¹⁰ É o Espírito que «afasta as afeições das coisas da Terra, e enche a alma com o desejo de santidade».¹¹ Mais ainda: «O Espírito toma as coisas de Deus e as grava na alma».¹²

Que maravilha! O Espírito tomando, recebendo, trazendo da santidade de Deus e gravando tudo isto em mim, em vós. Pelo Espírito podemos «vencer toda a tendência hereditária e cultivada para o mal».¹³ O Espírito torna claro o caminho a ser percorrido, e o faz com clareza tal que ninguém poderá errá-lo. Nos dias apostólicos, o «Espírito fez por eles o que não teriam podido fazer em toda uma existência». Humildes pescadores, homens indoutos ficaram possuídos de linguagem pura, quer no idioma materno ou estrangeiro. Pregavam com clareza e poder. Encontravam-se acima de todo temor. Não podiam ser reprimidos ou intimidados. O Pentecostes trouxe-lhes iluminação celestial. Ao alcance deles estavam os «ilimitados recursos da graça divina».¹⁴ As boas-novas foram levadas «até às mais longínquas partes do mundo habitado». Conversos vinham de todas as direcções. «Os mais ferrenhos inimigos do evangelho tornaram-se seus campeões».¹⁵ «Deus pode ensinar-vos mais em um momento pelo Seu Santo Espírito, do que poderíeis aprender com os grandes homens da Terra».¹⁶

Na Igreja Primitiva

«Enquanto Cristo estava na Terra, os discípulos não tinham desejado nenhum outro auxiliador. Não seria senão depois que fossem privados de Sua presença, que experimentariam a necessidade do Espírito, e então Ele havia de vir».¹⁷ «Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder».¹⁸ «Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós».¹⁹ O Espírito era, pois, «o mais alto dos dons que... [Cristo] podia solicitar do Pai para exaltação de Seu povo».²⁰

«Ficai em Jerusalém»

Eles ficaram; porém, não em atitude passiva ou em ociosidade. Decidiram criar o

ambiente para que a promessa tivesse pleno cumprimento. «Humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade». ²¹ «Pondo de parte todas as divergências, todo o desejo de supremacia, uniram-se em íntima comunhão cristã». ²² Foram dez dias «de profundo exame de coração». «Sentiram sua necessidade espiritual, e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para o trabalho de salvar almas». ²³ Na busca pelo Espírito, «havia deixado de ser um grupo de unidades independentes, ou elementos discordantes em conflito». ²⁴ Não havia mais «indelicado criticismo, nem o desejo de fragmentar a obra de outros». ²⁵

Os discípulos tornaram-se dóceis e humildes. «Desapareceram as raízes de amargura que estavam expulsando da alma a preciosa planta do amor». «Cada um estava disposto a conceder ao outro o mais alto lugar». ²⁶ A frieza e o falar mal foram postos de lado. Maravilhosos foram os frutos do Espírito. Penetrou-lhes na alma «a subjugante graça de Cristo», e seus corações ficaram ligados «numa bendita unidade». Despertou-se neles «o desejo de uma vida espiritual mais elevada», e as «câmaras da mente e o templo da alma» foram cheios da «luz da justiça de Cristo». Para que a pregação do evangelho exerça grande impacto sobre a humanidade, deve ocorrer sob duas circunstâncias: Pelo alistamento de homens extraordinários ou pelo derramamento do Espírito Santo sobre homens ordinários.

Que aconteceu? A igreja primitiva encheu-se de homens ordinários dotados com extraordinário poder, e os resultados foram inesperados. Homens que souberam humilhar-se sob a potente mão do Senhor, homens que aprenderam em realidade o princípio da renúncia tornaram-se recipientes do Poder divino.

O Espírito Hoje

Temos estado tanto tempo sem o poder do Espírito Santo que quase nos sentimos contentes sem Ele. Habitamo-nos tanto à derrota que nos resignamos a viver com ela. Estranho encantamento, estranho torpor! Necessitamos de nos arrepender de nossa indiferença para com o Espírito Santo. «A promessa do Espírito Santo é ocasionalmente apresentada em nossas palestras, incidentalmente nela se toca e isso é tudo». ²⁸ A contrafacção pentecostal nos inibiu. Temos medo de ser fervorosos; temos temor de orar com fervor, um glorificador «AMÉM» é o grande ausente em nossos cultos.

Nada, a não ser a Chuva do Espírito, poderá tirar a igreja do torpor satânico, do encantamento e da mornidão laodiceana em

que tem vivido. Poderemos aumentar a beleza de seu ritual, melhorar a qualidade e a quantidade de sua educação religiosa, elevar ao mais alto grau as qualificações de seu ministério, aumentar em muito suas instituições e seus recursos financeiros (e como nos ufanamos ao serem apresentados os relatórios sobre finanças!). Tudo isto sem a presença da Chuva do Espírito é estar apenas ornamentando um cadáver.

Esquivamo-nos do Espírito. Parece temer-mos venha Ele a interferir em nossos planos humanos. O ensino do assunto de tal magnitude é vago, incerto e esporádico na vida dos fiéis. A doutrina do Espírito Santo é o país desconhecido, o continente negro da vida cristã. Houve um tempo em que a Igreja celebrava o dia de Pentecostes, o aniversário da descida do Espírito Santo, com mais fervor do que celebra o Natal. Hoje achamos mais fácil celebrar o nascimento de Jesus do que nascermos do Espírito. Achamos mais fácil comemorar Seu nascimento do que irmos ao mundo anunciar Sua volta. Tornou-se mais fácil darmos presentes no Natal do que nos darmos a nós mesmos ao Espírito. O Natal é a comemoração de Deus conosco; o Pentecostes comemora Deus em nós. «O grande pecado dos que professam ser cristãos é não abrirem o coração para receber o Espírito Santo». «Os que se acham vazios do Espírito Santo não podem ser atalaias fiéis sobre os muros de Sião». ²⁹

O Espírito no Ministério

«A todos os que aceitam a Cristo como um Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha». ³⁰ «A ausência do Espírito é que torna tão destituído de poder o ministério evangélico». ³¹ O êxito das reuniões depende da presença e do poder do Espírito. Sem o Espírito será em vão o trabalho de apresentar a verdade. «A pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Unicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida». ³² «Esta prometida bênção, reclamada pela fé, traz após si todas as outras bênçãos». ³³ «Regados com pancadas da Chuva Serôdia, ... ninguém cuidará em ver se as sentenças são bem formadas, ou se a gramática é impecável». ³⁴ «Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino». ³⁵ «Sem a cooperação do Espírito de Deus, nenhum grau de educação, nenhuma vantagem, por maior que seja, pode tornar uma pessoa um canal de luz». ³⁶

Por quarenta anos Moisés estivera aprendendo da cultura, da arte guerreira, da filo-

sofia mais avançada, tornando-se general, escritor, poeta e legislador. Com tudo isso, Moisés julgava-se preparado para libertar o povo de Israel da escravidão. Armou-se de uma faca e matou o primeiro egípcio a quem viu maltratar um de seu próprio povo. Com força e violência Moisés procurava impressionar os israelitas, levando-os a crer que chegara a hora da libertação e que ele, Moisés, era o libertador. Foi um tremendo choque para ele quando soube que não estava preparado para a tarefa. O Senhor Deus admitiu-o na Universidade do Deserto. Por quarenta anos deveria realizar estudos avançados — um doutorado em renúncia e abnegação.

Aprenderia que Deus é o supremo Criador e lHe seria Professor, ensinando-o a pensar e agir correctamente. Antes que Deus pudesse confiar-lhe o cuidado de Seu povo, Moisés deveria fazer um doutorado em cuidar de ovelhas. Por quarenta anos esse erudito na sabedoria humana viu montanhas em vez de instituições dos homens.

Chegou o dia da formatura. Moisés queria comparecer dignamente à cerimónia de seu novo doutorado, e para tal fizera um novo par de sandálias do melhor couro de carneiro. Na plataforma havia um único arranjo: uma sarça que ardia. Ao aproximar-se Moisés da plataforma, falou-lhe o Supremo Reitor do Universo: «Tira as sandálias dos pés». Em seguida foi-lhe entregue o pergaminho, o diploma: UMA VARA. Uma simples vara após quarenta anos na Universidade do Deserto.

«O mais humilde obreiro, movido pelo Espírito Santo, poderá tocar cordas invisíveis, cujas vibrações hão-de soar até aos confins da Terra e produzir melodias através dos séculos eternos». ³⁷ «A promessa é, hoje, exactamente tão categórica e digna de confiança, como nos dias dos apóstolos». ³⁸ «Não é limitada a algum século ou raça». ³⁹

Viajando pela África, um grupo de turistas adventistas estava sumamente grato pela gentileza e cortesia de um casal de irmãos nossos. Concordaram em obsequiá-los com algo que eles não possuíam e que lhes poderia trazer algum conforto. Perguntaram: «Que gostariam de receber da América como presente nosso?» O casal retirou-se, foi ao quarto e, ao voltar, disse: «Enviem-nos poder do Espírito Santo». Um tanto desapontados, nossos irmãos turistas procuraram sugerir algum aparelho electrodoméstico. O casal retira-se, vai ao quarto, e volta. «Não — replicaram eles. — Enviem-nos poder do Espírito». Nova decepção. Alguém do grupo sugere uma remessa de mil dólares, ao que respondeu nosso irmão africano: «Se não podem enviar-nos poder do Espírito Santo, não precisam enviar mais nada, pois o que necessitamos é de mais poder do Santo Espírito».

O Poder do Espírito

«O poder, se não é absoluto, não serve para nada». «Não há impulso de nossa natureza, nem faculdade do espírito ou inclinação do coração, que não necessite achar-se a todo instante sob a direcção do Espírito de Deus». ⁴⁰ Ele deve ocupar todos os espaços de minha vida. Nada deve ficar sem o Seu controlo. «Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim». O poder do Espírito Santo tem de ser absoluto, deve dominar tudo, de contrário será sem valor.

«E certo que no tempo do fim, quando a causa de Deus na Terra estiver prestes a terminar, os sinceros esforços envidados por consagrados crentes sob a guia do Espírito Santo, serão acompanhados por especiais manifestações de favor divino». ⁴¹ «Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem...; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da seara 'no tempo da chuva serôdia'». ⁴² «Cada obreiro devia fazer sua petição a Deus pelo baptismo diário do Espírito. Grupos de obreiros cristãos devem reunir-se para suplicar auxílio especial, sabedoria celestial, para que saibam como planejar e executar sabiamente». ⁴³ Nossa maior falta como ministros é não termos tempo para orar. Há sempre uma centena de coisas a resolver, e a comunhão com Deus é retardada. Há uma inversão de valores. «O diabo me deixará fazer qualquer coisa que não seja orar». Muitos homens são como as ondas do mar que não se aquietam. Não sabem parar, não aprenderam a aquietar-se para saber «que o Senhor é Deus».

Buscar a unção do Espírito antes que todo pecado haja sido confessado e descontinuado em nossa vida, é um insulto ao mesmo Espírito. Através da confissão, do arrependimento e do abandono dos pecados, busquemos criar o ambiente para que o Espírito venha, e venha em abundância.

BIBLIOGRAFIA

- | | |
|--|--|
| <p>¹ <i>O Desejado de Todas as Nações</i>, (DN), edição popular, p. 644.</p> <p>² <i>Evangelismo</i>, p. 616.</p> <p>³ <i>Actos dos Apóstolos</i>, (AA), p. 52.</p> <p>⁴ AA, p. 51.</p> <p>⁵ AA, p. 53.</p> <p>⁶ <i>Ibidem</i>.</p> <p>⁷ DN, p. 646.</p> <p>⁸ AA, p. 52.</p> <p>⁹ DN, p. 646.</p> <p>¹⁰ AA, p. 52.</p> <p>¹¹ AA, pp. 52 e 53.</p> <p>¹² AA, p. 53.</p> <p>¹³ DN, p. 646.</p> <p>¹⁴ AA, p. 47.</p> <p>¹⁵ AA, p. 48.</p> <p>¹⁶ <i>Testemunhos para Ministros</i>, p. 119.</p> <p>¹⁷ DN, p. 644.</p> <p>¹⁸ S. Lucas 24:29.</p> <p>¹⁹ Actos 1:8.</p> <p>²⁰ DN, p. 646.</p> <p>²¹ AA, p. 36.</p> | <p>²² AA, p. 37.</p> <p>²³ <i>Ibidem</i>.</p> <p>²⁴ AA, p. 45.</p> <p>²⁵ AA, p. 275.</p> <p>²⁶ DN, p. 624.</p> <p>²⁷ DN, p. 627.</p> <p>²⁸ <i>Testemunhos para Ministros</i>, p. 174.</p> <p>²⁹ <i>Mensagens Escolhidas</i>, livro 2, p. 57.</p> <p>³⁰ AA, p. 49.</p> <p>³¹ <i>Test. Selectos</i>, vol. 3, p. 212.</p> <p>³² DN, p. 647.</p> <p>³³ DN, p. 648.</p> <p>³⁴ <i>General Conference Bulletin</i>, 1895, p. 183.</p> <p>³⁵ <i>O Conflito dos Séculos</i>, p. 657.</p> <p>³⁶ <i>Obreiros Evangélicos</i>, p. 284.</p> <p>³⁷ DN, p. 786.</p> <p>³⁸ DN, p. 787.</p> <p>³⁹ AA, p. 49.</p> <p>⁴⁰ <i>Mensagens aos Jovens</i>, p. 62.</p> <p>⁴¹ AA, p. 54.</p> <p>⁴² AA, p. 55.</p> <p>⁴³ AA, p. 50.</p> |
|--|--|

Ajudem a proteger a nova espécie em vias de extinção

EDWIG JEMISON

O papel do pai na família tem vindo a reduzir-se nos últimos anos.

A avaliar pelo que diz a moderna literatura, o lar está em perigo. E de acordo com o artigo «A nova espécie em vias de extinção» é o pai.

Cerca de catorze por cento das crianças americanas — mais de nove milhões — vivem somente com a mãe. Uma em cada oito famílias é dirigida pela mãe e os sociólogos suspeitam que o pai tenha abdicado na mulher a chefia do lar em muitas das famílias. As mulheres estão grandemente desapontadas com a passividade do pai, e quanto mais os pais abdicam da sua posição no lar mais frustradas se tornam as mulheres.

Nos últimos anos, a maior parte das mudanças no estatuto de pai têm sido negativas no sentido de uma maior restrição do seu papel na família. No princípio do século os homens eram geralmente os únicos que asseguravam o sustento da família. Actualmente a mulher ocupa uma posição semelhante à do homem neste aspecto. O pai tinha o monopólio do conhecimento do mundo exterior. Era uma figura prestigiada e poderosa. Agora também isso desapareceu.

Muitos antropólogos dizem que a mãe é a cabeça da família. Se ela sente má vontade para com o pai, ou se desfruta do poder que lhe advém do facto de ser mãe, é-lhe possível reduzir ao máximo a função paterna. Uma vez divorciada, a mãe induz à quebra de relações entre pai e filho. Tais filhos, que passam a viver na dependência de um só dos seus progenitores, terão dificuldades, ao chegar à idade adulta, em constituírem família.

As pessoas que trabalham para grandes empresas, grandes casas editoras e variadas instituições em que necessitam viajar ou em que mudam a sua residência frequentemente, acabam por achar menor a importância moral

e económica do lar. O afecto e a lealdade dissolvem-se. Os maridos e mulheres vivem isolados um do outro e os filhos ficam abandonados emocionalmente. As vidas dos maridos, mulheres e filhos tendem a ser uma mera formalidade. Não engrenam.

Actualmente há muitas forças que levam à desunião dos casamentos e das famílias.

E o que enfraquece a família, enfraquece o igreja e a comunidade. Quando a família vacila, a vida desfaz-se.

Pelo contrário, se as coisas correm bem no seio da família, então a vida torna-se de grande valor. Quando chega a pobreza e a desorientação, se a família é forte os seus membros são preservados do desespero.

Se há algum movimento necessário na Igreja é o de fortalecer a vida familiar. Este fortalecimento irá consequentemente fortalecer a Igreja e a comunidade. Reciprocamente uma Igreja forte exerce a sua influência no lar, contribuindo para a sua segurança e solidez. Recentemente encontrei dois casais que constituíam a oitava geração de Adventistas. E quão felizes eles estavam, falando da sua rica herança!

Um jovem doutor depois de ter trabalhado toda a noite voltou para casa. Ao passar pela janela da sua moradia a sua filha de um ano de idade viu-o. Gritando de alegria, dirigiu-se tão depressa quanto lhe permitiam rechonchudas perninhas. Quando o jovem pai abriu a porta, a criancinha já ali estava pronta para ser levantada pelos seus fortes braços. A alegria estampada na cara do pai, mercê da entusiástica recepção de sua filhinha, ensinava-nos imenso sobre as benéficas influências que profundamente se irão enraizando na mente da criança.

Este papel do pai não se encontra ameaçado. Para fomentar lares como este existe o Departamento do Lar e da Família da Conferência Geral.

VIAGEM À UNIÃO SOVIÉTICA

(Continuação do número anterior)

Durante muitas décadas os Adventistas do 7.º Dia, em certos países, ficaram isolados do resto da igreja mundial devido a circunstâncias diversas. Não é pois surpresa que alguns problemas tenham surgido, dado que estes membros perderam o contacto com o corpo principal da igreja por longos períodos de tempo.

Assim como mudaram as condições internas desses países, assim também a igreja teve de alterar os seus métodos de aproximação e execução do trabalho. As exigências dos tempos e as circunstâncias foram enfrentadas sem comprometer os princípios e violar as consciências. A doutrina da Igreja Adventista do 7.º Dia foi retida e os mandamentos de Deus foram conservados sem que as leis dos países em questão fossem violadas.

Isto nem sempre tem sido fácil.

Durante estes processos de adaptação, ocasionalmente algumas facções se têm levantado com diferentes interpretações e reacções. Em certos casos tem surgido desentendimentos entre irmãos e mesmo entre igrejas. A unidade da igreja tem sido testada, experimentada e em alguns lugares, por algum tempo, mesmo fracturada. Tendo sido cortada das neutras e mediadoras influências da igreja, algumas destas lacunas têm aumentado e se têm acentuado, complicando assim mais a situação.

Em alguns países não tem sido possível ter escolas e seminários trabalhando normalmente. Com o passar dos anos tais condições têm contribuído para uma maior fractura na unidade da igreja.

É compreensível que, onde possível, os governos desejem e esperem que os seus cidadãos resolvam os seus próprios problemas de unidade sem a intromissão dos chefes da igreja de outros países. Assim, embora a Conferência Geral e as Divisões tenham desejado, têm-se visto impossibilitados de ajudar as diversas facções a conseguirem uma prevalecedora unidade cristã.

Durante muitos anos a Conferência Geral e as Divisões envolvidas têm orado e trabalhado discretamente

sem se intrometerem nos assuntos internos de tais igrejas nacionais. Através de cartas pastorais, visitas, através de esforços pacientes de acreditados pastores locais, nós temos com um espírito aberto buscado paciente e compreensivamente juntar nosso povo nos doces laços da amizade e unidade cristãs. Muitos destes esforços têm sido abençoados por Deus com grande medida de sucesso.



Na igreja de Moscovo o Pastor Pierson recebe o Pão e o Sal, tradicional manifestação de Boas-Vindas

Por muitos anos os membros da Igreja Adventista do 7.º Dia na União Soviética têm estado isolados do resto da igreja mundial. Contudo, nos últimos anos, nós estamos muito gratos por poder dizer que algumas oportunidades para contactos e orientação nos têm sido concedidas. Primeiro, há muitos anos atrás, um representante russo pôde juntar-se a nós num Conselho Anual em Washington. Na altura da Assembleia da Conferência Geral de Viena em 1975 sete representantes da URSS foram carinhosamente recebidos naquela Assembleia. Foi um momento de grande regozijo para nós ver aqueles delegados participarem na reunião de abertura. A URSS é uma importante força no mundo de hoje e nós temos sentido a falta de Adventistas do 7.º Dia vindos desta grande terra, não só para estarem presentes nas nossas reuniões, como para darem a sua contribuição às resoluções e aos negócios da igreja mundial.

Na altura da Assembleia da Conferência Geral em Viena, em 1975, dois pastores, Michael Kulakov e D. Parasai, da URSS, foram eleitos membros do Comité da Conferência Geral por dois anos. Nós estamos satisfeitos por termos tido uma representação soviética em algumas das nossas importantes reuniões em Washington desde essa data.

Em Outubro de 1977, a Constituição da URSS introduziu algumas importantes secções, garantindo liberdade de consciência e o direito de qualquer pessoa professar a sua religião e realizar cultos de acordo com as suas convicções. A redacção destes artigos diz o seguinte: «Os cidadãos da URSS são iguais perante a lei, sem distinção da sua origem social ou económica, raça ou nacionalidade, sexo, educação, linguagem e religião.» (Artigo 34.º).

«Aos cidadãos russos é garantida liberdade de consciência, direito a professarem ou não qualquer religião, a realizarem cultos religiosos. ...Incitamento à hostilidade ou ódio religioso é proibido.» (Artigo 52.º).

Durante a nossa visita de três semanas à URSS, o Pastor Alf Lohne e eu juntamente com nossas esposas, tivemos liberdade para viajar pelo país e trabalhar pela unidade num ministério reconciliador para trazer os nossos crentes ao verdadeiro espírito do adventismo. O que aconteceu durante aquelas três semanas de trabalho de ligação e unidade de irmãos separados, é um verdadeiro testemunho do poder do Espírito Santo nos seus corações e nas suas vidas.

Em reuniões com dirigentes e obreiros nós vimos o Espírito do Senhor trabalhar no coração dos homens, unindo-os em amor, confissão e garantia de futura amizade e cooperação. Os irmãos concordaram em trabalhar cordialmente e em caminhos práticos na delicada tarefa de resolver em amor cristão e boa vontade os problemas que ainda permanecem.

RECONCILIAÇÃO PÚBLICA

Nós testemunhámos o poder de Deus em reuniões que conduziram a comovedoras expressões de tristeza de coração e apelos públicos de perdão... Numa reunião em Kiev, na Ucrânia, na noite de 29 de Agosto, 29 dirigentes de duas fac-



Aspecto da reunião realizada em Riga, em 31 de Agosto

ções contendedes elevaram as suas vozes manifestando um coração arrependido diante de uma assembleia jamais reunida por adventistas do 7.º Dia na URSS. Enquanto alguns choravam com eles e outros gravavam apelos e testemunhos, estes dirigentes reconheceram erros do passado, buscaram perdão e prometeram mútua cooperação no trabalho futuro. Esta foi uma experiência comovedora.

Propositadamente aqueles dentre nós que eram visitas deixámos o trabalho de detalhes da organização e relações da igreja para os

dirigentes locais resolverem conjuntamente. Nem todos os problemas foram resolvidos. Estruturas que permaneceram por muitos anos, não podem ser resolvidas em tão curto espaço de tempo, mas Deus operou um começo encorajador. Sob a influência do Espírito Santo foi dado um grande passo espiritual.

Quando os corações se unem em amor é muito mais fácil juntar as cabeças para resolver os problemas. Deus no Seu grande amor realizou o primeiro trabalho. Nós confiamos que Ele continuará a

ajudar os nossos irmãos na URSS a realizarem a segunda parte deste importante trabalho. Precisamos orar fervorosamente para que o trabalho da graça não falhe e que uma unidade plena seja conseguida. Nossos irmãos na URSS necessitam de nossas orações. Eles são fervorosos, sinceros Adventistas do 7.º Dia que amam ao Senhor e desejam servi-Lo fielmente. Jamais esqueceremos as três semanas passadas entre o amoroso povo daquela maravilhosa terra.

ROBERT H. PIERSON

TEMPO DA COLHEITA

(Continuação da página 1)

tem posto muitas vezes a sua mão sobre o meu ombro e juntos temos pedido ao Senhor para nos mostrar o caminho a seguir, e é maravilhoso verificar como Deus nos abre o caminho quando nós Lhe damos oportunidade.

Eu estive quase 15 anos no Médio Oriente, outra cultura diferente, e encontrei o meu serviço sem paralelo na preciosa ajuda na educação de jovens obreiros.

Eu estarei para sempre muito grato à minha mãe, que desde os meus mais tenros dias me guiou no estudo das Escrituras e nos escritos de Ellen White, e levou-me a acreditar firmemente e a confiar no conselho de Deus dado a esta igreja através da sua mensageira especial. Em algumas das difíceis situações que a Igreja tem enfrentado nos últimos anos tem sido uma alegria e conforto conhecer a sua influência orientadora.

Eu estou igualmente muito grato ao pessoal da Conferência Geral. Estou grato aos presidentes das nossas divisões, a quem conheço pessoalmente, em quem acredito e em quem tenho grande confiança.

Enquanto eu oro por mais luz, eu oro igualmente pelo povo de Deus, em toda a extensão da terra. Chegou o tempo da colheita, precisamos juntar aqueles que ainda não conhecem que o Senhor os quer juntar neste aprisco e que ainda não sabem que devem pertencer à família de Deus e ajudá-los a prepararem-se para a vinda do Senhor.

Esta tarde eu peço ao Senhor e bênção de Aser: «... e a tua força será como os teus dias» (Deut. 33:25). Eu acredito que esta é uma promessa de Deus, não somente para Aser, mas para cada um que recorre a Ele em busca de orientação e ajuda.

Deixem-me agora sintetizar aquilo que Elionor, minha mulher, e eu, sentimos quando fomos envolvidos pelo vosso amor demonstrado na ovação que de pé nos dirigistes quando nos apresentámos diante de vós esta tarde. Nós sentimos-nos como Salomão quando foi escolhido para ser rei da grande nação de Israel. Ellen White diz o seguinte dele: «Salomão nunca foi tão rico ou tão sábio ou tão verdadeira-

mente grande como quando confessor: 'Sou ainda menino pequeno; nem sei como sair, nem como entrar.'

Os que ocupam hoje posições de responsabilidade devem procurar aprender a lição ensinada pela oração de Salomão. Quanto mais alta a posição que um homem ocupa, quanto maior a responsabilidade que tem de levar, mais ampla será a influência que exerce e maior a sua necessidade de dependência de Deus. Deve lembrar-se sempre que com o chamado para o trabalho, vem o chamado para andar circunspectamente perante seus companheiros. Deve ele permanecer diante de Deus na atitude de um discípulo. A posição não dá santidade de carácter. É por honrar a Deus e obedecer aos seus mandamentos que o homem se torna verdadeiramente grande».

Este é o desafio para cada um de vós. Neste tempo de colheita, antecipadamente solícito as vossas orações para que Deus me torne apto a levar a responsabilidade envolvida na direcção do povo remanescente de Deus.

BONS VIZINHOS

Elsa e Miguel gostavam de ser bons vizinhos. Sabiam que isso agradava a Jesus, pois Ele fica contente quando Seus filhos praticam boas acções.

Todos os dias Elsa e Miguel iam visitar algum vizinho, ou fazer um recado a pessoas de idade, ou iam até à Pensão que ficava na esquina da rua levar flores às senhoras idosas que lá residiam.

Mas os meninos não gostavam dos dias de chuva, porque nos dias de chuva eram obrigados a ficar em casa e não podiam sequer fazer visitas.

Num destes dias de chuva estava o Miguel com o nariz encostado aos vidros das janelas, lamentando-se:

— Quem me dera que nunca chovesse!

— Porquê? — perguntou a irmã. — Tu sabes que as flores e os passarinhos precisam de chuva. Devias até gostar da chuva, Miguel! É Jesus quem nos manda a chuva, sabias?

O Miguel sacudiu a cabeça.

— Pois devia gostar, mas não gosto, porque quando chove temos de ficar em casa e não podemos ser bons vizinhos, nem sair.

— Bem — disse a mãe, que estava a ouvir a conversa —, eu sei que vocês são bons vizinhos e fico contente por toda a gente me dizer que são amáveis e delicados. Havemos de encontrar uma maneira de continuarem a ser bons vizinhos mesmo nos dias de chuva. Vamos pedir a Jesus que nos dê uma boa ideia!

A mãe ajoelhou-se com os meninos, agradeceu a Jesus pela chuva, mas pediu-Lhe também que os ajudasse a encontrar uma maneira de serem bons vizinhos nos dias de chuva.

Mal tinham acabado a oração, ouviram o pai que chegava. Ficaram admirados de o ver, pois geralmente àquela hora ele estava a trabalhar.

— Houve um problema na fábrica e o material que precisamos para trabalhar está molhado. Agora temos de esperar que seque e por isso hoje não vou mais ao trabalho. Tenho o resto do dia livre. Talvez pudéssemos fazer qualquer coisa de especial!

Os meninos ficaram todos contentes e começaram a saltitar à volta do pai:

— Que bom! Que bom! E que vamos fazer? — perguntavam.

— Que tal se fôssemos visitar Maria e a mãe?

— Ah, a menina que morava aqui e foi para a aldeia? Ela era tão divertida!

E a Elsa acrescentou:

— Ela cantava muito bem e sabia todas as histórias da Bíblia!

O pai sorriu:

— Talvez ela agora saiba mais, porque é na casa dela que se faz a Escola Sabatina da aldeia. Eles têm lá um pequeno grupo de crentes.

— Que bom! — disse Elsa.

E o Miguel perguntou:

— É muito longe? Temos de ir de carro?

— Sim, é longe. Vamos até levar um lanche e aproveitamos para fazer um piquenique.

Elsa e Miguel foram ajudar a mãe a preparar sanduíches, bolachas e fruta e em breve tudo ficou pronto. O pai trouxe o carro, eles arrumaram as coisas e começaram a viagem.

Finalmente chegaram à aldeia onde moravam Maria e a mãe. Parecia uma aldeia pobre.

— Oh, Maria! Que contente estamos de te ver outra vez! — disseram-lhe os meninos, ao mesmo tempo que a abraçavam.

— Porque terá a Maria um ar tão triste? — perguntou Miguel.

O pai deixou escapar um suspiro e disse ao ouvido do filho:

— Talvez ela tenha fome! Elas vivem com muitas dificuldades e privações!

Os olhos do Miguel abriram-se de espanto. Fome? Como era possível? Lembrou-se do bom pequeno almoço que tivera em casa e das coisas boas que vinham no cesto para o almoço e, de repente, teve uma ideia. Foi ter com a Elsa, puxou-a para trás e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido.

A Elsa a princípio também ficou admirada, mas a seguir sorriu e disse:

— Vamos dizer ao papá e à mamã.

A mãe e o pai ficaram também contentes com o segredo dos meninos. Que segredo seria?

O pai foi ao carro e trouxe o cesto onde estavam as coisas para o piquenique e deu-o aos meninos. Então a Elsa deu-o à mãe de Maria e disse:

— Este cesto é para vocês. Tínhamos pensado fazer um piquenique, mas agora fica para vocês!

A mãe de Maria não sabia o que dizer, tinha lágrimas nos olhos e via-se que estava feliz:

— Como vocês são bons! Toda a gente me diz que vocês são bons vizinhos para os que moram perto da vossa casa. Mas agora sei que também são bons vizinhos mesmo para os que moram longe!

Elsa e Miguel sorriram. Os seus pais sorriram. Maria e a mãe sorriram. Todos estavam contentes.

De regresso a casa os meninos não se cansavam de falar daquele dia em que, apesar da chuva, tinham podido ser bons vizinhos. E não se esqueceram de agradecer a Jesus por lhes ter proporcionado uma maneira de serem felizes e fazerem felizes os outros.



Aspecto da reunião realizada em Riga, em 31 de Agosto

ções contendentes elevaram as suas vozes manifestando um coração arrependido diante de uma assembleia jamais reunida por adventistas do 7.º Dia na URSS. Enquanto alguns choravam com eles e outros gravavam apelos e testemunhos, estes dirigentes reconheceram erros do passado, buscaram perdão e prometeram mútua cooperação no trabalho futuro. Esta foi uma experiência comovedora.

Propositadamente aqueles dentre nós que eram visitas deixámos o trabalho de detalhes da organização e relações da igreja para os

dirigentes locais resolverem conjuntamente. Nem todos os problemas foram resolvidos. Estruturas que permaneceram por muitos anos, não podem ser resolvidas em tão curto espaço de tempo, mas Deus operou um começo encorajador. Sob a influência do Espírito Santo foi dado um grande passo espiritual.

Quando os corações se unem em amor é muito mais fácil juntar as cabeças para resolver os problemas. Deus no Seu grande amor realizou o primeiro trabalho. Nós confiamos que Ele continuará a

ajudar os nossos irmãos na URSS a realizarem a segunda parte deste importante trabalho. Precisamos orar fervorosamente para que o trabalho da graça não falhe e que uma unidade plena seja conseguida. Nossos irmãos na URSS necessitam de nossas orações. Eles são fervorosos, sinceros Adventistas do 7.º Dia que amam ao Senhor e desejam servi-Lo fielmente. Jamais esqueceremos as três semanas passadas entre o amoroso povo daquela maravilhosa terra.

ROBERT H. PIERSON

TEMPO DA COLHEITA

(Continuação da página 1)

tem posto muitas vezes a sua mão sobre o meu ombro e juntos temos pedido ao Senhor para nos mostrar o caminho a seguir, e é maravilhoso verificar como Deus nos abre o caminho quando nós Lhe damos oportunidade.

Eu estive quase 15 anos no Médio Oriente, outra cultura diferente, e encontrei o meu serviço sem paralelo na preciosa ajuda na educação de jovens obreiros.

Eu estarei para sempre muito grato à minha mãe, que desde os meus mais tenros dias me guiou no estudo das Escrituras e nos escritos de Ellen White, e levou-me a acreditar firmemente e a confiar no conselho de Deus dado a esta igreja através da sua mensageira especial. Em algumas das difíceis situações que a Igreja tem enfrentado nos últimos anos tem sido uma alegria e conforto conhecer a sua influência orientadora.

Eu estou igualmente muito grato ao pessoal da Conferência Geral. Estou grato aos presidentes das nossas divisões, a quem conheço pessoalmente, em quem acredito e em quem tenho grande confiança.

Enquanto eu oro por mais luz, eu oro igualmente pelo povo de Deus, em toda a extensão da terra. Chegou o tempo da colheita, precisamos juntar aqueles que ainda não conhecem que o Senhor os quer juntar neste aprisco e que ainda não sabem que devem pertencer à família de Deus e ajudá-los a prepararem-se para a vinda do Senhor.

Esta tarde eu peço ao Senhor e bênção de Aser: «...e a tua força será como os teus dias» (Deut. 33:25). Eu acredito que esta é uma promessa de Deus, não somente para Aser, mas para cada um que recorre a Ele em busca de orientação e ajuda.

Deixem-me agora sintetizar aquilo que Elionor, minha mulher, e eu, sentimos quando fomos envolvidos pelo vosso amor demonstrado na oração que de pé nos dirigistes quando nos apresentámos diante de vós esta tarde. Nós sentimos-nos como Salomão quando foi escolhido para ser rei da grande nação de Israel. Ellen White diz o seguinte dele: «Salomão nunca foi tão rico ou tão sábio ou tão verdadeira-

mente grande como quando confessou: 'Sou ainda menino pequeno; nem sei como sair, nem como entrar.'

Os que ocupam hoje posições de responsabilidade devem procurar aprender a lição ensinada pela oração de Salomão. Quanto mais alta a posição que um homem ocupa, quanto maior a responsabilidade que tem de levar, mais ampla será a influência que exerce e maior a sua necessidade de dependência de Deus. Deve lembrar-se sempre que com o chamado para o trabalho, vem o chamado para andar circunspectamente perante seus companheiros. Deve ele permanecer diante de Deus na atitude de um discípulo. A posição não dá santidade de carácter. É por honrar a Deus e obedecer aos seus mandamentos que o homem se torna verdadeiramente grande.

Este é o desafio para cada um de vós. Neste tempo de colheita, antecipadamente solicito as vossas orações para que Deus me torne apto a levar a responsabilidade envolvida na direcção do povo remanescente de Deus.

BONS VIZINHOS

Elsa e Miguel gostavam de ser bons vizinhos. Sabiam que isso agradava a Jesus, pois Ele fica contente quando Seus filhos praticam boas ações.

Todos os dias Elsa e Miguel iam visitar algum vizinho, ou fazer um recado a pessoas de idade, ou iam até à Pensão que ficava na esquina da rua levar flores às senhoras idosas que lá residiam.

Mas os meninos não gostavam dos dias de chuva, porque nos dias de chuva eram obrigados a ficar em casa e não podiam sequer fazer visitas.

Num destes dias de chuva estava o Miguel com o nariz encostado aos vidros das janelas, lamentando-se:

— Quem me dera que nunca chovesse!

— Porquê? — perguntou a irmã. — Tu sabes que as flores e os passarinhos precisam de chuva. Devias até gostar da chuva, Miguel! É Jesus quem nos manda a chuva, sabias?

O Miguel sacudiu a cabeça.

— Pois devia gostar, mas não gosto, porque quando chove temos de ficar em casa e não podemos ser bons vizinhos, nem sair.

— Bem — disse a mãe, que estava a ouvir a conversa —, eu sei que vocês são bons vizinhos e fico contente por toda a gente me dizer que são amáveis e delicados. Havemos de encontrar uma maneira de continuarem a ser bons vizinhos mesmo nos dias de chuva. Vamos pedir a Jesus que nos dê uma boa ideia!

A mãe ajoelhou-se com os meninos, agradeceu a Jesus pela chuva, mas pediu-Lhe também que os ajudasse a encontrar uma maneira de serem bons vizinhos nos dias de chuva.

Mal tinham acabado a oração, ouviram o pai que chegava. Ficaram admirados de o ver, pois geralmente àquela hora ele estava a trabalhar.

— Houve um problema na fábrica e o material que precisamos para trabalhar está molhado. Agora temos de esperar que seque e por isso hoje não vou mais ao trabalho. Tenho o resto do dia livre. Talvez pudéssemos fazer qualquer coisa de especial!

Os meninos ficaram todos contentes e começaram a saltitar à volta do pai:

— Que bom! Que bom! E que vamos fazer? — perguntavam.

— Que tal se fôssemos visitar Maria e a mãe?

— Ah, a menina que morava aqui e foi para a aldeia? Ela era tão divertida!

E a Elsa acrescentou:

— Ela cantava muito bem e sabia todas as histórias da Bíblia!

O pai sorriu:

— Talvez ela agora saiba mais, porque é na casa dela que se faz a Escola Sabatina da aldeia. Eles têm lá um pequeno grupo de crentes.

— Que bom! — disse Elsa.

E o Miguel perguntou:

— É muito longe? Temos de ir de carro?

— Sim, é longe. Vamos até levar um lanche e aproveitamos para fazer um piquenique.

Elsa e Miguel foram ajudar a mãe a preparar sanduíches, bolachas e fruta e em breve tudo ficou pronto. O pai trouxe o carro, eles arrumaram as coisas e começaram a viagem.

Finalmente chegaram à aldeia onde moravam Maria e a mãe. Parecia uma aldeia pobre.

— Oh, Maria! Que contente estamos de te ver outra vez! — disseram-lhe os meninos, ao mesmo tempo que a abraçavam.

— Porque terá a Maria um ar tão triste? — perguntou Miguel.

O pai deixou escapar um suspiro e disse ao ouvido do filho:

— Talvez ela tenha fome! Elas vivem com muitas dificuldades e privações!

Os olhos do Miguel abriram-se de espanto. Fome? Como era possível? Lembrou-se do bom pequeno almoço que tivera em casa e das coisas boas que vinham no cesto para o almoço e, de repente, teve uma ideia. Foi ter com a Elsa, puxou-a para trás e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido.

A Elsa a princípio também ficou admirada, mas a seguir sorriu e disse:

— Vamos dizer ao papá e à mamã.

A mãe e o pai ficaram também contentes com o segredo dos meninos. Que segredo seria?

O pai foi ao carro e trouxe o cesto onde estavam as coisas para o piquenique e deu-o aos meninos. Então a Elsa deu-o à mãe de Maria e disse:

— Este cesto é para vocês. Tínhamos pensado fazer um piquenique, mas agora fica para vocês!

A mãe de Maria não sabia o que dizer, tinha lágrimas nos olhos e via-se que estava feliz:

— Como vocês são bons! Toda a gente me diz que vocês são bons vizinhos para os que moram perto da vossa casa. Mas agora sei que também são bons vizinhos mesmo para os que moram longe!

Elsa e Miguel sorriram. Os seus pais sorriram. Maria e a mãe sorriram. Todos estavam contentes.

De regresso a casa os meninos não se cansavam de falar daquele dia em que, apesar da chuva, tinham podido ser bons vizinhos. E não se esqueceram de agradecer a Jesus por lhes ter proporcionado uma maneira de serem felizes e fazerem felizes os outros.

Notícias do Campo



Assistindo a uma aula EFIDAM



Monitores EFIDAM

TRABALHO LEIGO NA IGREJA DE LISBOA

Quando em Agosto de 1977 me chegou às mãos um convite para enviar três delegados da Igreja de Lisboa à Convenção de Actividades Leigas a fim de tomarem parte no curso Efidam, estava longe de pensar que todo o nosso futuro como igreja missionária teria de se orientar por esta linha de trabalho e que através da formação recebida por esses irmãos e transmitida a outros em cadeia, a actividade leiga da Igreja iria conhecer uma nova dimensão e entusiasmo. Com efeito, eu próprio estive presente e apreciei grandemente este curso. Ao regressarmos a Lisboa, juntamente com os monitores, procurámos fazer planos para pôr em prática o que aprendemos e sobretudo para formar um pequeno exército que com novo vigor apoiasse a obra da pregação e fosse mesmo a sua guarda avançada.

O primeiro curso foi como um pequeno ensaio. Estávamos hesitantes, mas procurávamos transmitir as instruções recebidas. Inscreveram-se 16 alunos, dos quais apenas 11 concluíram, e imediatamente começaram a trabalhar. Simultaneamente, começaram os planos para um novo curso, no qual se inscreveram 25 irmãos, tendo terminado 22. O total dos finalistas dos dois cursos foi 33. Estão todos ao trabalho neste momento, formando 16 grupos com a finalidade de abrir novas portas para o Evangelho. Cada semana estes grupos saem, levando aos lares folhetos

com a nossa mensagem, ou uma Bíblia e lições do curso «a Bíblia responde».

Até este momento, mais de mil lições do curso «A Bíblia responde» foram preenchidas e corrigidas, o que representa uma boa centena de Bíblias entregues.

Há 4 grupos que se especializam em dar estudos Bíblicos, para poderem dar continuidade aos interesses que se encontram ou venham a ser suscitados pelos grupos de vanguarda.

Está agora em preparação um terceiro curso, no qual esperamos ter muitos jovens. Depois deste curso contaremos com um bom número de leigos para cobrir a grande área que nos está confiada.

No momento em que estas linhas forem lidas pelos leitores da *Revista Adventista* estará em curso «Acção 79». Na preparação do território para esta importante campanha evangelística muito contribuíram os irmãos formados nestes cursos e é neles que a Igreja confia para dar assistência a todos os interesses que surjam nesta série de conferências.

Neste momento, a Igreja Central de Lisboa, que conta com 650 membros no seu registo, não tem nem uma Obreira-Bíblica nem um Pastor-adjunto, mas confiando na colaboração dos leigos espera poder levar avante a obra que o Senhor dela espera.

FERNANDO MENDES



Antes da partida para o trabalho missionário

NOTÍCIAS

DA ILHA DA MADEIRA

SEMANA DE REAVIVAMENTO

Nos dias 6 a 15 de Outubro de 1978 levámos a efeito, na Igreja do Funchal, uma série de conferências subordinadas ao tema geral: «Reavivamento e seus Resultados».

As primeiras conferências foram dirigidas pelo signatário e as restantes, do dia 12, inclusive, ao dia 15, foram dirigidas pelo Pastor Ernesto Ferreira, presidente da nossa Associação, que, em visita de trabalho inerente ao seu cargo, nos deu o prazer de o ter tido entre nós e ouvir a Palavra do Senhor pela sua voz e experiência, durante esses dias.

Creio que esta série nos veio a ajudar todos, a fim de nos achegarmos mais ao Senhor para O buscarmos e servirmos.

IGREJA DO CANIÇO

Desde a inauguração desta Igreja, em 1969, que os seus cultos e Escola Sabatina se vinham efectuando nos Sábados à tarde. Após uma sondagem entre os seus membros, verificou-se que a maioria preferia que os serviços de Sábado passassem para de manhã. Assim, resolvemos passar ao novo horário a partir de Sábado, dia 4 de Novembro de 1978.

Para que esta mudança pudesse viabilizar-se, foi necessário recorrer à sempre pronta colaboração de alguns irmãos leigos da Igreja do Funchal, que lá vão nos Sábados em que o obreiro local presta os seus serviços no Funchal. Creio que esta nova experiência tem sido proveitosa, pois é sempre bom louvarmos o Senhor logo pela manhã.

Durante a semana de oração a maioria dos irmãos desta Igreja sugeriram a ideia de passarmos a ter um culto de oração semanal. O que passámos a efectuar às 20 horas de cada terça-feira. Graças a Deus estas reuniões têm sido bem frequentadas pelos irmãos que habitam na Assomada e bem assim por algumas visitas que, como Nicodemos, a coberto das trevas da noite se sentem mais à vontade em assistir às nossas reuniões.

TRABALHO MISSIONÁRIO

Com a adesão de um bom número de irmãos e de jovens foi possível organizarmos um bom grupo para trabalho missionário sistemático aos Sábados à tarde. Paralelamente com essa actividade e com ela interrelacionada temos estado a estudar, em conjunto, o manual «Como Testemunhar de Jesus». Após cada lição saímos em grupos de 2 ou 3 para distribuição de folhetos de casa em casa.

Quanto a resultados deste trabalho, por enquanto, pouco há a dizer além da satisfação de estarmos a corresponder à ordem do Mestre. Mas confiamos que não seja em vão a semente que tem sido semeada e da que irá continuar a sê-lo. O Senhor da Seara dela cuidará, disso estamos certos.

EXPOSIÇÃO JUVENIL

Após alguns meses de preparação, na qual os nossos juvenis Desbravadores se empenharam com entusiasmo, juntamente com a sua Directora, a Irmã Maria do Carmo Brito, foi levada a efeito uma bela e significativa exposição de trabalhos feitos pelos juvenis, e outros oferecidos por algumas irmãs, na sala de Jovens, no domingo à tarde do dia 3 de Dezembro de 1978.

Os trabalhos expostos consistiam de artesanato, bordados, toalhas, roupas de bebé e postais coloridos arranjados em gravuras rústicas artisticamente adornadas. A receita desta exposição reverteu a favor do Fundo de Desbravadores.

Resta-nos agradecer a todos aqueles que apoiaram esta iniciativa, quer contribuindo para ela com o seu trabalho, quer visitando-a e adquirindo os trabalhos expostos.

BAPTISMOS

Mais uma vez tivemos o privilégio, pela graça de Deus, de sepultar nas águas baptismas, no domingo à noite do dia 17 de Dezembro, mais cinco preciosas almas, que desse modo firmaram o seu pacto com Deus e seu Salvador.

Foram elas as nossas irmãs Conceição de Jesus e Natividade da Silva Gil, o nosso irmão Eduardo de Freitas Ribeiro e os jovens António Matias Rodrigues Pestana e Fernando Gomes Garcês.

O irmão Eduardo Ribeiro conhecia a nossa mensagem desde há mais de vinte anos, sendo até fiel dizimista de há longa data. Nunca se havia decidido por várias razões, sendo a principal o problema do fumo. Mas o Senhor tem várias maneiras de chamar os seus filhos. E assim devido a uma doença cardíaca, que quase o vitimara, o nosso irmão reconheceu que o fumo

lhe estava minando a saúde e decidiu, com a ajuda de Deus, romper com tão nefasto e inútil vício. Libertado, finalmente, dessas garras, decidiu que a hora havia chegado para se dedicar ao seu Senhor pelo baptismo. Aproveitando a vinda ao Funchal, em serviço, o Pastor José Albino Vieira, pastor da Igreja de Ponta Delgada, Açores, teve o privilégio de baptizar o seu próprio sogro.

Foi uma cerimónia bela e impressiva. No final um bom grupo de pessoas, entre elas vários jovens, responderam ao apelo de se prepararem para os próximos baptismos.

VISITAS DE PASTORES

De 4 a 7 de Janeiro de 1979 tivemos o grato prazer de receber a visita do Pastor João dos Santos, secretário-tesoureiro da nossa Associação e que como tal se deslocou à nossa ilha, a fim de proceder à verificação de contas das duas Igrejas. Veio acompanhado do seu filho João Manuel.

No Sábado, dia 6, teve oportunidade de dirigir a palavra às duas igrejas, tendo-o já feito também, na véspera, à Igreja do Funchal no culto de oração.

De 25 a 29 de Janeiro de 1979 tivemos também o grato prazer de receber a visita entre nós dos Pastores Eliseu Cupertino e Juvenal Gomes, respectivamente, presidente e secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia, da qual fazemos parte como Associação Portuguesa.

O Pastor Juvenal Gomes dirigiu a palavra à Igreja do Funchal na sexta-feira à noite, dia 26, no culto de oração. O Pastor Eliseu Cupertino tomou a palavra no culto de Sábado, dia 27, em ambas as igrejas e na conferência de domingo à noite, na Igreja do Funchal. No sábado à tarde, o Pastor Cupertino acompanhou também um dos grupos do trabalho missionário de porta a porta.

Agradecemos a visita destes nossos irmãos e o estímulo que deixaram nas mensagens que nos dirigiram.

M. CORDEIRO

*Os novos
membros
baptizados
com
os Pastores
Vieira,
Cordeiro
e a esposa
deste*



Campanhas Evangelísticas realizadas por membros leigos levam 246 pessoas ao baptismo

Como resultado de 50 campanhas evangelísticas na Guiana, em que estiveram envolvidos mais de trezentos membros de Igreja, juntaram-se à Igreja 246 novos membros.

No princípio das campanhas os Prs. Gordon O. Martinborough e Reynold Howell prepararam tudo no sentido de se iniciarem as mesmas cobrindo quase todas as zonas da cidade de Georgetown. Os dois pastores prepararam sermões e esquemas para os programas da noite e quer antes quer durante as campanhas dirigiram reuniões e cursos de preparação.

Foi a primeira vez na história da Conferência da Guiana que se juntou um número tão elevado de membros leigos empenhados na promoção de campanhas evangelísticas. Mais de metade dos membros leigos que tomaram parte neste esforço eram mulheres, muitas das quais falaram pela primeira vez do púlpito. O mais jovem dos pregadores leigos tinha apenas 13 anos de idade e era filho de um dos nossos membros de igreja.

Depois desta primeira experiência foram realizadas outras 30 campanhas evangelísticas simultâneas. — *Adventist Review*

Os centros de publicações britânicos usam camiões-biblioteca

Os centros de publicações Adventistas das Ilhas Britânicas adquiriram recentemente dois novos camiões-biblioteca, um para cada centro difusor. Esta aquisição dá oportunidade de se dispor de representação das nossas publicações nas zonas mais remotas das Ilhas Britânicas. Estes camiões-biblioteca foram adquiridos do sistema público de livrarias. Têm prateleiras suficientes para expor toda a gama de livros e produtos alimentares Adventistas. — *Adventist Review*

Vitalidade revelada na Igreja de Cuba

As notícias vindas de Cuba demonstram o grande fervor e fidelidade dos membros da Igreja Adventista. As reuniões têm lugar regularmente nas igrejas e são bem preparadas. Os departamentos de Jovens e Escola Sabatina são muito activos e muitas igrejas têm coro.

Num seminário situado próximo de Havana, preparam-se para servir na Causa do Senhor cerca de vinte jovens de ambos os sexos. O espaço é pequeno e as acomodações são

exíguas, mas todos estão animados do melhor espírito na prossecução da aprendizagem para o ministério que lhes é ministrada por três consagrados pastores.

Há em Cuba mais de 12 000 membros da Escola Sabatina e mais de 9 000 membros baptizados distribuídos por mais de cem igrejas. Quase todas as igrejas têm o seu próprio pastor. O trabalho administrativo está dividido em seis delegações com os respectivos presidentes e tesoureiros coordenados por uma administração central. São realizadas Conferências cada dois anos para eleger os dirigentes da Igreja aos níveis centrais e regionais. — *Adventist Review*

Perigos do tabaco demonstrados em escolas públicas

O Pastor Adi Zurcher iniciou um programa na Escola Técnica de Montpellier a convite do seu director sobre os perigos do tabaco. Foram-lhe dadas 2 horas todas as segundas e terças-feiras à tarde, tendo de cada vez cerca de 50 alunos, até que todos os 3 000 estudantes tenham escutado todas as conferências. O convite veio como resultado de vários Planos de 5 Dias para Deixar de Fumar que o Pastor Zurcher realizou na cidade Universitária de Montpellier. — *E. White*

C. A. D. E. C.

Há já sete anos que o Centro Adventista de Estudos por Correspondência iniciou o seu trabalho. Esta escola tem alcançado grande êxito e presentemente funciona com cerca de 200 estudantes nas várias disciplinas que põe à disposição de todos quantos dela desejem servir-se.

Presentemente existem 10 disciplinas em Francês e 2 em Alemão e muitas outras estão em fase de preparação. A maior parte destas disciplinas são reconhecidas pelos nossos colégios na Europa e muitos estudantes de Teologia têm podido resolver os seus problemas de conflitos de horários e outros têm podido continuar os seus estudos comodamente instalados em suas casas.

A Escola está agora lançando um programa piloto que consiste na organização de grupos de estudo numa igreja ou área sob a direcção do Pastor. Em Augsburg, Alemanha, um grupo de 25 pessoas estão seguindo com regularidade a disciplina «Introdução ao Antigo Testamento» e em Besel, na Suíça, um outro grupo de 21 pessoas, na sua maioria jovens, estão estudando «Dogmática» (Doutrinas Bíblicas). Um esforço está sendo levado a cabo para que outras igrejas sigam estes exemplos. — *E. White*